

ASSIGNATURAS:
Por mez . . . \$500
PAGAMENTO
ADIANTADO

CREPUSCULO

ESCRITORIO
DA REDACÇÃO
A' rua de João Pinto
N. 43

ORGAM LITTERARIO E NOTICIOSO

Collaboradores diversos

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Anno II |

SANTA CATHARINA—DESTERRO, 21 DE MAIO DE 1888

| N. 6

CREPUSCULO

DESTERRO, 21 DE MAIO

Instrucção popular

I

Ha uma necessidade popular acima de todas as necessidades, é a da instrucção, d'aquella instrucção que convém a todas as classes sociaes.

Quando um dia a maioria do povo brasileiro souber ler, escrever, conhecer e pezar bem a historia do seu paiz, aonde de um lado se vê registrado um padrão de gloria, embora cuspidada, enxovalhada e calcada aos pés, como se fez ás idéas da revolução mineira, e do outro uma das primeiras figuras democraticas, em cuja organização parecia accender-se um fogo interminavel, descer, desaparecer debaixo do brilho illusorio de um fardão do governo; quando um dia a nova geração, que hoje desperta debaixo de um ar completamente livre, mais digno e mais proprio para as suas aspirações, estiver convenientemente preparada, o nosso paiz terá autonomia. Seus ramos de trabalho competirão com o estrangeiro, e este deixará de vêr no povo brasileiro um acervo de individuos sem fé, sem religião, sem pratica constante e imperiturbavel de acções patrioticas.

Se temos os primeiros tempos de existencia, em que simples indigenas defendiam heroicamente o seu e o nosso torrão natal; se temos as guerras, principalmente a inolvidavel contra varios paizes do sul, em que tanto se elevou o nome brasileiro; temos a má politica que sempre reinou entre nós,

e é só e unicamente a essa hydra que tudo se deve quanto atraza o nosso paiz.

A' lei do trabalho estamos condemnados. Trabalhemos. E' este o brado que hoje mais do que nunca deve echoar aos nossos ouvidos.

A immigração não se apresentando aos nossos olhos como um facto consummado, isto é, não sendo ainda uma realidade por motivos que o nosso governo melhor conhece do que nós, é mais uma razão e a mais ponderosa para aquisição de todos os brasileiros dos conhecimentos necessarios ao desenvolvimento e progresso de suas faculdades no sentido de se regularem do melhor modo possivel para attingirem áquelle gráo de instrucção imprescindivel que deve caber a todas as classes da sociedade.

A Europa, n'este ponto, é soberana.

Emquanto nós deixamos nossos filhos vagar pelas ruas sem occupação para elles, porque entendemos que qualquer emprego de actividade não serve para homens livres; emquanto pouco pensamos no futuro e votamos quasi um odio implacavel a tudo que é arte, industria, lavoura e mesmo ao commercio, quando esta nobre profissão nos vai servir ainda para o futuro; a Inglaterra, por exemplo, nos apresenta o mais brilhante espectáculo de civilização e de progresso, com seus quadros estatisticos mostrando que um só inglez, não ignorando as lettras e até a historia de seu paiz, não deixa de ser um grande elemento para o progresso e andamento da sua nação.

DISCURSO

recitado por occasião da distribuição de premios em um collegio de meninas

Exmas., Sra. professora, minhas Senhoras e Senhores

Vir gozar do grato prazer de ver premiar-se os arduos trabalhos litterarios de um anno inteiro, vir applaudir a remuneração conferida á applicação e ao estudo, trabalhos mas cheio de brilhantes compensações, da grammatica, da Arithmetica, da doutrina christã, e ao cultivo da musica ao piano, é na verdade um motivo do mais justo regosio, e é, quanto a mim, para dizer com o poeta:

Seja-me indemnizar de acerbos males das leis do fado, do poder da morte!

Attendendo-se, porém, á idade juvenil e, ainda mais, ao sexo das illustres Examinandas, sobe de ponto o merito e o interesse do presente acto, mormente para quem comprehender bem quão grande e transcendente é a influencia da mulher nos destinos da humanidade, d'ella, que na triplica qualidade de filha, de esposa e especialmente de mãe, tem consigo os meios mais legitimos de preparar as gerações futuras e outogar-lhes todos os elementos de prosperidade e grandeza!

A mulher, senhores, ha de ser sempre a clavicularia dos grandes thesouros da felicidade humana: que importa que se deseje contrariar-o? Si o grande Antonio de Castilho, esse vulto gigante da litteratura portugueza, no entusiasmo poetico de sua mocidade, chegou em uma de suas mais brilhantes concepções, a condemnar a mulher, annos depois, quando o seu espirito riquissimo offertava-nos novos thesouros, elle, já então com o coração alheio ás paixões, elevado por sabia meditação, repassou vantajosamente a injustiça de suas apreciações de outrora e

engrandeceu a mulher, collocando-a no pedestal de gloria, que ninguem, melhor do que elle, soube levantar-lhe.

Tambem José de Alencar, Teixeira e Souza e outros distinctos escriptores brasileiros ligaram suas glorias litterarias e poeticas ás glorias da mulher como Mãe, como Filha e como Espôsa.

Do que acabo de dizer-vos, Senhores, vê-se perfeitamente quanto é necessario que as nossas joyens patricias recebam uma educação nacional e bem dirigida, quanto é conveniente a cultura do seu espirito no periodo do ensino intellectual, moral e religioso, para que possam um dia comprovar a capacidade litteraria do seu sexo, já testemunhada em muitas nações do mundo e mesmo no nosso paiz, onde além de outras litteratas e poetisas, tivemos, e ainda temos, D. Delfina Benigna da Cunha, D. Narcissa Amalia, e em nossa propria provincia D. Julia Maria da Costa. Senhoras estas que na cultura da poesia e das letras em nada cedem ao merito de outras heroínas, cujos nomes, traçados com letras de ouro, a Historia nos aponta em suas paginas brilhantes.

E, visto que o enthusiasmo é a expressão da sinceridade, como bem o deffinio Bullwor, devo dizer-vos que é com enthusiasmo que me animo até a exhortar ás Senhoras Examinandas que não deixem de corresponder aos justos desejos de seus dignos Pais e sua illustrada Professora continuando a applicarem-se ao estudo, com a mesma dedicação e assiduidade até hoje manifestadas, enriquecendo assim o seu espirito e occasionando muito prazer aos seus Progenitores, merecendo d'est'arte a estima e consideração das pessoas sensatas, e devendo vencer-se que não são só os dotes da formosura que engrandecem uma senhora e a tornam amavel e respeitavel, mas tambem aquelles que dão a boa educação, como o recato, a modestia, o criterio, em summa, a elevação da espirito, que sempre se conquistam pela instrução.

E quanto á Exma. Sra. Professora, só me cabe dizer como um poeta, que me foi summamente charo:

Quão louvavel

Dirigis sãs lições com inteireza,
Ensinando d'est'arte á juventude
Sacros dons: o saber e a virtude!
Janeiro—de 1879.

B. V.

Balladas

(CANTOS IDEAES)

A' Exma. Sra. D. Alice de Alencar

Era uma noite serena de Agosto.

O céu purpureando-se nas bandas do oriente mostrava um clarão immenso e immaculado, e a natureza coberta de esplendores, cantava fazendo rir as aves e as creanças!

Sentia-se filtrar pelos pulmões a dentro um geladissimo frio.

Havia pelos pincaros das serras do levante um doce effluvio de orvalho que suavemente cahia.

A lua silenciosa e cheia de mysterios erguia-se, vendo o céu recamado de estrellas!

Nem o sopro, siquer, brando da aragem, o murmurar sussurrante das folhagens, ouvia-se n'aquella noite silenciosa!

O POETA

E' noite candida e calma, tão cheia de illusões, tão cheia de luz e de prazer, que eu creio que estou sentindo a voz dulcissima e pura de alguma mimosa rôla, dentro do meo coração...

E que alegria, que encanto existe no céu, enormemente amavel!

E tenho a alma tão pura, tão alegre e tão perfumada, que d'ella sinto a frescura do despontar maravilhoso d'uma ridente alvorada dar-me um aspecto melhor, um tanto mais confortavel.

E não sei que virtuosissimos aromas, que sinceros fluidos de amor me entram pela alma, como um diluvio divino, diluvio de auroras e de sóes, quando fito os teos olhares crystallinos e matinaes; tão castos como um sorriso, tão ternos como um madrigal...

Agora, filha, é a hora do silencio.

As aves da noite vão passando nos mysteriosos ninhos. E nem se pôde ouvir os seus cantares risonhos, cheios de vibrações sonoras, sim, aquelles cantares que costumam a festejar a hora encantadora do despontar de uma aurora.

Oh! aves, oh! corpos virginaes, oh! raios de luz cahidos sobre a terra, filhas soberbas do cahir do azul, eu vos saúdo porque vós sois a eterna gloria da natureza, o encanto divinal de um dia!

Eu comprehendo bem, naturalmente, que vós com essas cantilenas iriadas, cheias de harmonia e cheias de luar, sabeis por certo fazer alegres aquelles que andão, como eu, assombrados pelas trevas melancholicas da tristeza, da descrença; sabeis fazer erguer-se do leito o homem que ahí pensa no que hade amanhã procurar para mitigar a fome, sabeis fazer rir as loiras creancinhas, sim, estas imagens candidas e perfeitas que Deus fez com mil cuidados para ornar o berço nupcial e que costumam a saudar a luz do sol e a brindar o crepusculo que á tarde desenrola o seo manto purpurino, muito apreciavel para rendilha essa amplidão sonora, enorme e transparente; sabeis finalmente com o som mavioso d'essas monotonias vibrantes, encantar a toda a natureza!...

Hoje vejo-te a vez primeira, n'esta noite em que a lua rôla no espaço, como um balão ao sopro da ventania e em que já os passarinhos, as creanças e as flôres dormem mansamente.

Quando me olhas cantando (quanta alegria tenho!) como um passaro que vôa, eu sinto dentro do craneo um sussurro matinal de encantos.

O teu olhar para mim é como a luz do sol que a todos illumina: trasborda-me a alma de luz, de doçura e de perfumes e deixa-me o coração immerso n'uma dessas visões mysteriosas, que a phantasia não mostra.

ELLA (de bruço na janella)

E eu tenho por ti poeta, a alma mergulhada n'um orvalho d'espr'ança, como se fosse um cysne nas aguas d'um rio.

E ás vezes, até cuido, que o meo coração soluça quando se auzenta de ti.

O POETA

E eu sinto-me triste quando não te vejo, flôr.

ELLA (alegremente)

Não sabes, não, meo poeta, que momento delicioso, doce como um milagre e alegre como um trinado, eu tenho quando fito-te as faces alabastrinas e o olhar dulcissimo e casto que rebri-lha mais do que uma perola...

O POETA

E eu tenho um raio de alegria quando contemplo o mimoso veludo d'essas tuas alvas faces aonde vejo tanto dulcôr como nos brancos lyrios.

ELLA (ainda alegre)

A tempos, lendo a «Gazeta», vi uns versinhos seus, uns madrigaes estrelladissimos, umas estrophes tão teanas como o vôo olympico d'um bando de andorinhas e fiquei, oh! meo amante, como uma rôla, alegremente a cantar, e logo fui ao jardim e apanhei esta flôr, (retira-se da janella e vai buscar a magnolia e apresenta-lhe,) para presentear-te, poeta.

E diga lá o meo namorado, se já viu cousa tão linda, si ella é feia ou si é bonita, si é cheirosa ou se não é, digo... (e entrega a flôr.)

O POETA (com a flôr na mão)

E' verdade, eu confesso, a flor é linda e cheirosa, creia que nunca vi cousa tão bella e galante como esta magnolia, tem um perfume vigoroso, cheio de luz e espr'ança e a côr que encerra é tão sublime como a côr febril e deslumbrante d'esses teoslabios.

E quero lançal-a, flôr, á sombra do peito meo para quando eu fital-a, pensar que em vez d'uma magnolia seja a luz constelladissima de mil estrophes freneticas (guardando a

flôr) illuminando os bens da amizade.

E obrigado, senhora...

Como são formosas as tuas tranças loirissimas. Ornament'as dois lacinhos de fita em cada extremidade como se fossem doiradas borboletas que andassem ao cahir do dia a tingir as flôres de beijos, são como duas ardentes chimeras que andam a rir procurando o sól d'um mystico noivado.

Tens um colar lubrico que me parece uma enfiada de doces violetas e crê, se eu pudesse tornal-o-hia de sóes, tornal-o-hia mais bello do que uma miryade de estrellas.

Pôdes ficar na certeza, flôr, que a embriaguez, clara como a aurora e casta como o teu riso, sim a embriaguez do amor é que te faz ser só minha; porque o amor, o amor, a flôr da existencia, o amor quando é constante segue em linha recta, recta como a razão, recta como o pensamento, deve ser provavelmente um paraíso, um ninho delicado de beija-flôres aonde tudo é harmonia!

A lua merencoria com a sua «troupe» de estrellas vai tombando castamente amavel no outro lado do céo, deixando no Poente os seus ultimos fulgôres...

ELLA, — (como querendo rir-se)

Porque são horas do repouso.

O POETA

E vou deixar-te á luz da lua... Ah! como é triste uma partida, uma saudade de amor. Adeus, pomba celeste, suspiros dos meus desejos, eu quero sonhar contigo um iriado sonho, um sonho de lampejos n'um diluvio de amor.

ELLA, — (fechando a janella)
—E eu um sonho d'espr'ança!

30—Maio—88.

SABBAS COSTA.

NOTICIARIO

No archivo

Temos recebido e agradecemos: A *Revista Popular*, n. 16 e anno I, que gentilmente apparece em Pelotas, aos domingos.

A *Revista* é conquistadora de muitas sympathias, porque tem uma variedade de artigos bem escriptos e que muito interessam aos apreciadores da nossa boa litteratura.

A impressão é sublime e o trabalho typographico magnifico.

E' um organo consagrado ao util e ao bello.

E' de esperar que a *Revista* continue sempre assim notabilizando-se como sempre e oxalá o Sr. Francisco Cardona, como proprietario e redactor d'este illustrado semanario, siga a estrada que encetou cheio de venturas, coroado de muitas saudações.

Um á merveille á *Revista*.

—O *Taquaryense*, da progressiva cidade de Taquary, Rio Grande do Sul, muito bem redigido e impresso com muita nitidez.

—A *Cidade do Desterro*, d'esta capital, propriedade dos empregados da *Tribuna Popular*.

O novo organo vio a luz no dia 7 do corrente e publica-se semanalmente.

Que prospere muito, e que adquira muita aceitação de que é digno, é o que desejamos.

Caminhai! Avante!

—O *Bouquet de Flôres*, pequeno, mas conceituado e bem escripto organo que se publica em Cananéa.

Um «*Bouquet de Flores*» é uma das cousas mais radiantes e sinceros que todos admiramos e estimamos muito.

Assim o collega é digno de apreço não só pelo seu titulo que é esplendido e apaixonado, como também pela correcção de seus bem feitos artigos.

E... pegue lá o novo collega um *bouquet* de flores e siga avante, siga á luz!

LOGOGRIPO

A' GARCIA NETTO

Aqui tenho amigo velho—7, 8, 10, 8, 11
com certeza ave-Brazilia—1, 6, 3, 4, 2
procurei com mui cuidado—8, 7, 4, 11, 7, 9, 3, 8, 5
tendo nos labios Marilia—4, 11, 3.
Tens ainda bom amigo,—4, 2, 5, 11
linda dama—esta deidade,—4, 11, 3, 5, 7, 6
que soffreu d'esta molestia—1, 6, 7, 1, 3, 8, 7, 2,
morrendo nesta cidade—2, 4, 6, 3, 7, 6, 7, 5, 6.
Facil conceito te dou
para não cançar-te a vista;
avante, tenha coragem,
«valente logogriphista».

G. NOCETI

Circos

Estreou na noite de quinta-feira, 17 do corrente, a grandiosa companhia gymnastica de que é director o applaudido artista sr. Guilherme Puls.

O espectáculo foi sublime.

Thereza Aymar, uma das melhores artistas da companhia, esmerou-se esplendidamente, mostrando-se que é artista: soube perfeitamente exhibir-se nos seus trabalhos difficultosos e cheios de muita arte.

Os artistas são optimos, sabem dar primor aos seus trabalhos.

—Sabbado (19) teve logar a segunda função. Outra vez vimos Guilherme Puls esmerar-se com muita magnificencia.

A festejada artista Thereza Aymar exhibio-se com muita perfeição nos seus lindos trabalhos, dignos de apreciação, pois que ella sabe dar-lhes a devida e extraordinaria sublimidade.

O espectáculo d'essa noite esteve optimo e muito admirado.

A companhia do sr. Puls é excellente; portanto, é justo que o nosso publico concorra aos seus espectáculos.

Amanhã, a companhia do conhecido artista Carlos Lustre dá mais um espectáculo, em beneficio do artista José Linglod.

Que tenha sempre o circo de Carlos Lustre muita concorrência—é o que desejamos.

Parabens

Completo, no dia 15 do corrente, 50 annos de idade o respeitavel e antigo negociante, sr. José Nunes Louzada, excellent pai de familia e criterioso cidadão.

Saudamol-o.

Acha-se entre nós, vindo de Montevideo, afim de visitar a sua exma. familia, o nosso distincto conterraneo sr. Francisco E. da Silva, digno primo do nosso honrado amigo e assignante sr. João Balbino da Silveira.

Damos hoje publicidade á continuação do interessante romance—IBRANTINA.

ROMANCE

IBRANTINA

POR

ERNESTO F. NUNES PIRES
SEGUNDA PARTE

VII

De adulterio é uma calumnia que me levantam, porque tenho sabido honrar o nome de meu marido e além disso era incapaz de tal vilania!

—E como pode isso provar?

—Com meus creados, e mesmo a consciencia não me acusa de tal baixeza.

—E se houyer em documentos que provez, que a Sra. não portava-se bem e como quiz envenenar seu marido?

—Davido que V. Ex. me apresente-os.

—Si é innocente como diz, porque é que foi accusada?

—Sou innocente o juro. Sou accusada, bem o sei; mas essa accusação é injusta, é falsa! e além disso nenhum valor tem perante os tribunaes!

—Porque? perguntou o juiz.

—Porque é feita por uma irmã de meu marido, que odeia-me e jurou perder-me.

Porque diz isso e como prova que ella a odeia?

—Porque eu era pobre e de familia obscura, e tive a felicidade ou a desgraça de casar-me com seu irmão, casamento esse a que ella oppunha-se.

—Mas isso não prova a sua innocencia porque ha documentos assignados pela senhora que a culpam exuberantemente.

—Apresente esses documentos ?!

—Eil-os: Conhece estas cartas? Conhece este vidro?

—Conheço.

—E como diz que é innocente ?

—Porque não são escriptas e sim por essa cunhada.

—E como se chama essa cunhada?

—Rosalina de Oliveira.

—Mas antes de Oliveira, não tem outro nome?

Tem.

—Qual é ?

—Muret.

Imp. na typ. do Journ. do Com.